



## Um modelo de dicionário didático italiano-português e português-italiano

Paola Giustina Baccin, Alessandra Paola Caramori,  
Ivy Sene Costa, Juliana Moreti, Renata Lira Cordeiro,  
Sergio Ferreira Mendes, Tatiane Reverdito  
(USP)

RESUMO: Nesse artigo, apresentamos algumas reflexões de professores e alunos de língua italiana sobre a possibilidade de elaboração de um dicionário didático com base em contextos extraídos de um *corpus* formado por livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVE: lexicografia; lexicologia; didática de línguas estrangeiras; língua italiana.

### Introdução

O Núcleo de Pesquisa para elaboração de material didático em língua italiana é um grupo inscrito no diretório de pesquisas do CNPq desde o início de 2004 e tem por objetivo estudar e propor novos materiais didáticos para o processo ensino-aprendizagem de língua italiana como língua estrangeira, principalmente para alunos brasileiros das universidades e dos cursos livres. Além de pesquisadores, é composto por alunos do curso de graduação em língua italiana. A participação dos alunos tem por objetivo formar futuros pesquisadores que poderão continuar o trabalho em suas dissertações de mestrado e doutorado. Além de realizar reuniões semanais, nas quais são discutidos com o professor os resultados parciais e os problemas encontrados no processo, os alunos participam de cursos de formação em lexicologia e lexicografia e em didática para línguas estrangeiras.

O primeiro projeto é a elaboração de um modelo para um dicionário didático bilíngüe italiano-português e português-italiano. O objeto da pesquisa são as unidades lexicais e as unidades gramaticais mais freqüentes na língua italiana e seus correspondentes em língua portuguesa. O modelo é baseado em um *corpus* formado pelos livros didáticos usados nos cursos de língua italiana no Brasil.

Este projeto constitui a fase 1 de um projeto mais amplo que pretende elaborar um dicionário didático para atender à demanda dos alunos de língua italiana nas Universidades e nos cursos livres. As etapas dessa primeira fase são: 1. Levantamento bibliográfico; 2. Elaboração da fundamentação teórica; 3. Definição do público-alvo: levantamento de características; 4. Seleção do *corpus*: livros didáticos para o ensino da língua italiana; materiais divulgados pela *Internet*; dicionários escolares e dicionários bilíngües italiano-português; 5. Levantamento e análise de alguns dicionários bilíngües, italiano-português e português-italiano; 6. Levantamento das unidades lexicais simples, compostas, complexas, fraseológicas e unidades gramaticais encontradas nos livros didáticos; 7. Definição dos campos conceituais para as unidades lexicais; 8. Modelo de ficha lexicográfica; 9. Definição da macroestrutura do dicionário; 10. Definição da microestrutura dos verbetes; 11. Modelo de tratamento de verbetes no dicionário; 12. Conclusão da fase 1 e encaminhamento da fase 2. Nesse artigo, apresentaremos os primeiros resultados obtidos na execução das etapas de 1 a 6 e as primeiras reflexões sobre a definição da microestrutura dos verbetes.

## Fundamentação teórica

O aluno que inicia um curso de idiomas tem como primeira preocupação comprar um dicionário. O método “gramática e tradução” já foi superado há muito tempo e os professores procuram tranquilizar o aluno informando que ele deve pensar em italiano, ou seja, produzir o texto oral ou escrito não com a tradução das palavras, mas buscando a função da frase e a estrutura do pensamento em língua italiana. No entanto, o dicionário continua a ser, para o aluno, a ponte entre a nova língua e a língua na qual se sente seguro.

Ao procurar uma palavra no dicionário, o aluno esquece que Saussure já observava que “o signo lingüístico une, não uma *coisa* a um *nome*, mas um *conceito* a uma *imagem acústica*” e que “a língua é uma *forma* e não uma *substância*” Logo, é necessário estabelecer a diferença entre os fatos que pertencem ao mundo natural, os fatos que pertencem ao mundo semiótico e os fatos que pertencem ao mundo lingüístico. A partir das reflexões de Saussure, Hjelmslev desenvolve sua teoria lingüística que considera como sistema dos significantes o plano de expressão e como sistema dos significados o plano do conteúdo. Portanto:

$$\text{SIGNO LINGÜÍSTICO} = \frac{\begin{array}{ccc} \text{conceito} & \text{cadeia de significados} & \text{plano do conteúdo} \end{array}}{\begin{array}{ccc} \text{imagem acústica} & \text{cadeia de significantes} & \text{plano da expressão} \end{array}}$$

Cada língua faz corresponder a determinados planos de expressão determinados planos de conteúdo. Para Hjelmslev, tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo são constituídos por uma *forma* e por uma *substância*, conforme o seguinte esquema:

SIGNO LINGÜÍSTICO (ou SISTEMA DE SIGNIFICAÇÃO <sup>1</sup> )	plano do conteúdo	substância do conteúdo forma do conteúdo	= =	designatum significado
	plano da expressão	forma da expressão substância da expressão	= =	significante som

Em uma das extremidades temos o *som*, uma substância acústica amorfa, um *continuum* fônico, uma possibilidade de realização. O som material (puramente físico) só pode ser definido, dentro de um sistema de significação, pela sua função no interior desse sistema e pelas suas relações para com os outros elementos do mesmo sistema. Cada comunidade lingüística discrimina quais sons e quais combinações fonológicas pertencerão ao seu sistema. Na outra extremidade, o *designatum*, o evento pré-lingüístico, um *continuum* semântico que, assim como o *som*, receberá, no âmbito lingüístico, uma estrutura de relações abstratas peculiar de cada língua.

Ao submeter os dois *continua* a uma estruturação relacional, opera-se a transformação da *substância* em *forma*. A *substância* é o elemento (do plano da expressão ou do plano do conteúdo) considerado apenas com base em suas propriedades físicas. A *forma* é o elemento (do plano da expressão ou do plano do conteúdo) considerado no âmbito de suas relações para com os outros elementos do mesmo sistema e no seu caráter funcional.

Embora a *substância do conteúdo* e a *substância da expressão* sejam praticamente as mesmas para todas as línguas naturais, a *forma do conteúdo* e a *forma da expressão* diferem de língua para língua (Lopes, 2000:94-96).

Os códigos são transcodificáveis por natureza. A transcodificação entre sistemas lingüísticos deve considerar o signo em sua totalidade e não apenas o plano da expressão. No plano do conteúdo está contida a visão de mundo do sistema lingüístico que estamos tentando compreender. A visão de mundo do indivíduo é a soma da visão de mundo compartilhada dos grupos aos quais pertence e de sua própria visão de mundo, em uma rede infinita de relações.

A elaboração de um dicionário bilíngüe consiste em estabelecer uma equivalência entre uma unidade lexical ou gramatical de um determinado sistema lingüístico de ori-

1 O sistema de significação (modelo pancrônico) difere do sistema de signos (concepção sincrônica). "Todo sistema de significação contém um sistema de signos e é necessariamente mais amplo do que este" (Pais, 1976: 11-12).

gem e outra unidade de um sistema lingüístico de chegada. O sistema lingüístico é considerado aqui, para efeito de análise, um conjunto de línguas funcionais de uma língua histórica, isoladas por um ou mais critérios. A cada língua funcional pertencem conjuntos de normas específicas. As equivalências são elaboradas pela observação das unidades lexicais de um *corpus* (um conjunto de discursos) representativo dessa língua funcional.

Na escolha de equivalentes, portanto, devemos considerar duas línguas funcionais e não duas línguas históricas. A língua histórica é a “língua constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, habitualmente através de um adjetivo “próprio”: língua *portuguesa*, língua *italiana* [...]” (Coseriu, 1980:110). É um conjunto de línguas funcionais, de tradições lingüísticas diferentes, historicamente conexas e só em parte concordantes. Mesmo sob um ponto de vista sincrônico, apresenta sempre variedade interna: diferenças diatópicas (entre diferentes regiões geográficas), diastráticas (entre diferentes estratos sócio-culturais), diafásicas (condicionadas pela intenção da comunicação (Vilela, 1979:183) entre as diversas modalidades expressivas grupais). Identificada pelos seus falantes como uma unidade, é, na verdade, constituída por sistemas lingüísticos bastante diferenciados que devem ser considerados isoladamente ou combinados entre si para efeito de descrição lingüística.

Uma língua histórica é uma estrutura complexa que compreende inúmeros subconjuntos que se inter-relacionam e se sobrepõem em graus diversos. Essa complexidade estrutural impossibilita o estudo da língua histórica como um todo. Para fins metodológicos, delimita-se um ou mais subconjuntos (uma ou mais línguas funcionais). A língua funcional é considerada sob um ponto de vista sincrônico (um período historicamente determinado), sintópico (uma única realidade geográfica), sinstrático (um único estrato social) e sinfásico (uma única modalidade expressiva). Nos discursos, identificamos as diversas línguas funcionais, empregadas isoladamente ou combinadas entre si.

Portanto, para a realização de um dicionário bilíngüe selecionamos as línguas funcionais que estarão em contato, escolhendo os *corpora* entre documentos que representam essas línguas. Para o italiano escolhemos o italiano registrado nos livros didáticos para o ensino do italiano a estrangeiros. Os equivalentes não podem ser encontrados, por exemplo, em documentos do português brasileiro literário do início do século ou em documentos que contenham terminologias específicas, como por exemplo manuais técnicos. As próprias definições encontradas nos dicionários da língua geral devem ser analisadas conforme a equivalência existente entre as línguas funcionais.

A equivalência entre as unidades lexicais dos dois sistemas lingüísticos pode ser realizada segundo os seguintes esquemas:

- 1) unidade lexical da língua 1 → unidade lexical da língua 2

A opção por esse tipo de equivalência na elaboração de um dicionário pressupõe que todos os traços semânticos da unidade lexical pertencentes à língua 1 estejam presentes, no mesmo grau, na língua 2. Como a unidade lexical é formada por um semema (conjunto de semas) ou um conjunto de sememas, a equivalência desse tipo resulta, normalmente, em uma perda de traços semânticos e acréscimo de outros que não pertencem ao conjunto intersecção dos conteúdos das duas unidades lexicais.

Os sememas constituem um conjunto de traços genéricos, traços específicos e traços conotativos, fruto de uma determinada visão de mundo; portanto, estabelecer a perfeita equivalência entre todos esses traços em dois sistemas diversos é muito difícil. Se tomarmos como exemplo um biofato<sup>2</sup> qualquer, observamos que esse biofato passa a ser reconhecido por uma determinada comunidade lingüística pela sua denominação, como por exemplo, *árvore*. Único no universo natural, ele é recortado culturalmente e recebe nesse momento um conjunto de semas que variam de comunidade para comunidade. Isso pode ser observado no número de denominações para um mesmo biofato, de acordo com sua importância para uma ou outra comunidade.

O mesmo pode ser observado no caso dos sociofatos<sup>3</sup>. Em português, por exemplo, temos as seguintes unidades lexicais para exprimir dois graus de parentesco diversos: *sobrinho* e *neto*. Em italiano, esses conceitos correspondem a uma única expressão *nipote*. Essa escolha de denominação homonímica não significa que para os falantes do italiano essa diferença não seja percebida. Há uma consciência dos dois significados possíveis para a unidade lexical. Essa diversidade de visão de mundo pode refletir-se, também, nas categorias morfossintáticas.

Quanto aos manufatos<sup>4</sup>, se considerarmos como exemplo a unidade *palazzo*, aparentemente fácil de ser traduzida do italiano para o português, levando-se em conta apenas o plano da expressão, após uma breve reflexão e a verificação dos contextos nos quais essa unidade aparece, percebemos que, para cada comunidade lingüística, a unidade lexical *palazzo* remete a uma realidade extralingüística específica. A equivalência de significantes não contribuirá para compreensão do fato extralingüístico e de seu conjunto de traços específicos.

A consciência de que as unidades lexicais raramente se equivalem e que, em muitos casos, a construção completa de um conceito exige a combinação de unidades lexicais aparentemente equivalentes, torna-se patente na utilização de locuções - como *ou seja, ou*

2 Na acepção de fato produzido pelo mundo natural, que existe independentemente das atividades humanas.

3 Na acepção de fato produzido pelo homem em sociedade.

4 Na acepção de fato produzido pela mão do homem.

*melhor, isto é* - comumente empregadas na elaboração de textos. Esse recurso propicia, na descrição do conceito, a soma dos semas ou sememas que não pertencem ao conjunto intersecção das duas unidades lexicais aparentemente equivalentes.

2) unidade lexical da língua 1 → paráfrase na língua 2.

Esse tipo de equivalência na elaboração lexicográfica informa ao usuário do dicionário os traços semânticos daquela unidade lexical. Por meio da definição, o usuário chega ao referencial extralingüístico e pode denominá-lo em seu próprio idioma, consciente, porém, dos traços semânticos específicos para cada realidade.

A escolha de um dos esquemas de equivalência depende do público usuário ao qual o dicionário é destinado. O lexicógrafo pode optar pelo uso dos dois modelos, conforme seja ou não estabelecida uma equivalência entre os semas das unidades lexicais nas duas línguas.

No Universo, só existem diferenças, cada ser é único. Para compreendermos o mundo, reunimos os objetos pelas suas características genéricas agregativas e distinguimo-los pelos seus traços opositivos. As distinções são infinitas; cada língua seleciona as de seu interesse e, por alguma razão, torna-as funcionais, opositivas dentro do sistema. “As línguas diferenciam-se, neste sentido, pelos traços distintivos que utilizam, pois o que é traço distintivo numa língua pode não sê-lo em outra e vice-versa” (Coseriu, 1980:68).

Chamamos de *traço distintivo* qualquer diferença entre duas unidades lingüísticas, no plano da expressão ou no plano do conteúdo, e de *traços distintivos funcionais* aqueles obtidos pela aplicação do princípio da comutação e que acarretam uma mudança de significado. Muitos traços distintivos são localizados apenas quando comparamos dois sistemas lingüísticos ou duas normas lingüísticas e surpreendemos-nos que, naquele sistema, sejam considerados traços distintivos funcionais e denominem formas específicas no plano da expressão. Os traços distintivos funcionais são determinados em função de uma norma lingüística, um campo conceitual, um campo semântico ou, no nosso caso, pelo tipo de glossário (monolíngüe ou bilíngüe, da língua geral ou de uma língua de especialidade).

Pertencem à definição as características essenciais (traços distintivos intrínsecos ou extrínsecos), funcionais e não-funcionais. As características essenciais são aquelas que descrevem a essência do conceito. As características essenciais funcionais determinam uma mudança entre as unidades lexicais nos dois sistemas lingüísticos. As características essenciais não-funcionais não acarretam uma mudança entre as unidades lexicais nos dois sistemas.

O dicionário bilíngüe visa a estabelecer uma correlação de unidades lexicais; observamos, portanto, a necessidade de desmembrar a definição da unidade lexical na língua 1

nos sememas 1, 2 e 3 ... e, por meio da verificação da presença desses mesmos traços distintivos na unidade lexical na língua 2, estabelecemos unidades lexicais correspondentes para cada semema.<sup>5</sup>

Unidade lexical <sub>1</sub>		Unidade lexical <sub>2</sub>
Língua 1		Língua 2
semema <sub>1</sub>	=	semema <sub>1</sub>
semema <sub>2</sub>		(N/C)
semema <sub>3</sub>	≈	semema <sub>3</sub>

### Público-alvo e *corpus*

Entre o segundo semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2004, foi realizada uma pesquisa para saber as opiniões e os hábitos de consulta dos alunos de língua italiana sobre os dicionários existentes no mercado. A pesquisa contribuiu para detectarmos as dificuldades encontradas pelos estudantes na consulta a esses dicionários e identificar o que eles esperam encontrar em um dicionário de italiano. O seguinte questionário foi distribuído entre estudantes de língua italiana, universitários e alunos de cursos livres:

#### Questionário sobre dicionário de italiano

1. Qual dicionário utiliza?
  2. Quando comprou?
  3. Por que escolheu esse dicionário?
- ( ) tamanho ( ) preço ( ) indicação. De quem? ( ) outros
4. Consulta outros dicionários na biblioteca? Quais? E quando?
  5. Pensa em comprar outro dicionário? Qual?
  6. Por que compraria esse novo dicionário?
- ( ) tamanho ( ) preço ( ) indicação. De quem? ( ) outros
7. Quando usa o dicionário?
  8. Você encontrou alguma deficiência nesse dicionário? Especificar.
  9. O que você gostaria de encontrar em um dicionário?
  10. Você considera mais útil um dicionário bilíngüe ou monolíngüe? Por quê?

5 (=) indica que o semema na língua 1 corresponde exatamente ao semema na língua 2; (N/C) indica que não há um semema equivalente na língua 2; (≈) indica que há uma equivalência entre alguns dos semas que compõem o semema na língua 2, mas há alguns semas que não pertencem ao semema<sub>1</sub> ou não correspondem exatamente.

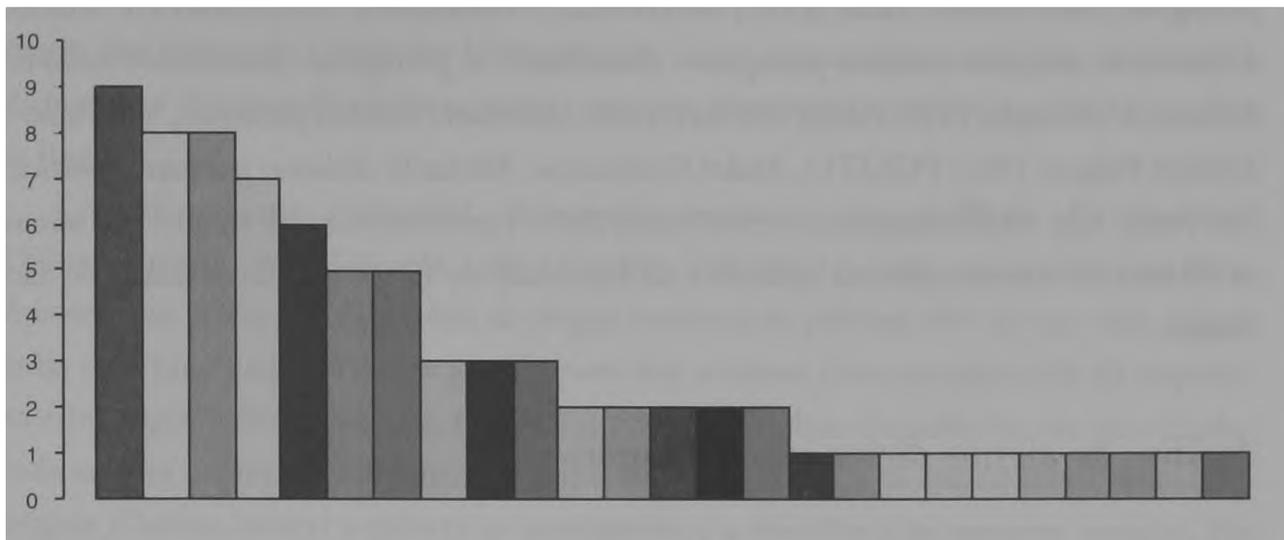
O público entrevistado, quarenta e quatro estudantes de italiano de uma faixa etária que abrange maiores de dezesseis anos até a terceira idade, era formado por alunos de curso livre oferecido pelo Centro do Professorado Paulista e por estudantes da graduação de Letras Português-Italiano da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes tem por hábito consultar o próprio dicionário e não utiliza os dicionários da biblioteca da faculdade. Do total de entrevistados, trinta e uma pessoas possuem o dicionário Michaelis e justificam essa escolha pelo seu preço acessível e pelo seu tamanho. Porém, vinte e sete entrevistados não estão satisfeitos com seus dicionários e declararam a intenção de comprar outro. O mais cobijado para ser o novo dicionário é o Zingarelli, pela sua qualidade e devido à indicação de professores. Além do preço, outra razão para postergar a compra de um dicionário como o Zingarelli é justificada por ser um dicionário monolíngüe. Segundo os dados coletados, quinze pessoas preferem um dicionário bilíngüe e outras dezesseis pessoas dizem que tanto o monolíngüe quanto o bilíngüe são importantes, porém o primeiro é mais conveniente para quem está em um nível mais avançado e tem um conhecimento maior da língua. Das vinte e sete pessoas que pensam em comprar outro dicionário, dezesseis optaram por comprar um dicionário monolíngüe.

Quanto aos hábitos de consulta, os usos mais comuns são para esclarecer alguma dúvida e para fazer lição de casa (exercícios indicados pelo professor e elaboração dos primeiros textos escritos). Os dados revelam que os dicionários não são utilizados apenas esporadicamente: quatro pessoas afirmaram usá-lo sempre; duas usam-no para adquirir e/ou aumentar vocabulário e duas consultam-no mesmo quando não precisam, só por curiosidade. O uso do dicionário como material de estudo é prejudicado pelas deficiências existentes nos dicionários. Apesar de a maioria dizer não ter encontrado nenhuma deficiência (pergunta 8), muitos entrevistados consideram incompleto ou simplista seu dicionário (pergunta 9). A ausência de informações é o problema mais citado: faltam exemplos, explicações sobre regência verbal, gírias, palavras mais específicas, termos, mapa da Itália e, principalmente, algumas palavras. O gráfico simplificado ilustra o que os estudantes esperam encontrar em um dicionário de italiano.

No gráfico, observamos que os estudantes buscam um dicionário completo e de qualidade. Elementos como definições em italiano, exemplos, expressões e ilustrações ajudariam o estudante a compreender melhor o idioma que está aprendendo, sem precisar da tradução, que seria somente para reafirmar a definição dada em italiano.

## Necessidades do público-alvo



- |                                       |                               |
|---------------------------------------|-------------------------------|
| ■ exemplos                            | □ sem resposta                |
| □ expressões*                         | □ mais palavras               |
| ■ vários significados                 | ■ ilustrações                 |
| ■ transcrição fonética**              | □ modo eficiente de pesquisar |
| ■ regência verbal                     | ■ conjugação dos verbos       |
| □ explicação das palavras em italiano | ■ palavras informais***       |
| ■ regras gramaticais                  | ■ preço acessível             |
| ■ sinônimos e antônimos               | ■ variações verbais           |
| □ boa introdução                      | □ qualidade editorial         |
| □ letras maiores                      | □ explicação clara            |
| □ curiosidades                        | □ raízes etimológicas         |
| □ plural das palavras                 | □ numerais                    |
| ■ nome de países e personalidades     |                               |

\* Expressões: idiomáticas, ditos populares e provérbios.

\*\* Transcrição fonética: pronúncia e regras de acentuação e separação de sílabas.

\*\*\* Palavras informais: gírias e neologismos.

## Seleção do *corpus*

Para nossa pesquisa, foram selecionados os seguintes livros: *Linea Diretta 1* e *Linea Diretta 2*, *Qui Italia*, *Due*, *L'italiano e l'Italia*, *Rete!* e *In Italiano*. Justificamos essa escolha por serem os livros mais utilizados nos cursos livres e nos Centros de Língua do Estado de São Paulo. Escolhemos para essa primeira fase de pesquisa, os seguintes dicionários bilíngües: PARLAGRECO, Carlo. *Dizionario portoghese-italiano; italiano-portoghese*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986; PREFUMO, Antonio. *Diccionario italiano e portoguez*.

Lisboa: Typ. Antonio José da Rocha, 1853; MASUCCI, Oberdan. *Dicionário italiano português*. São Paulo: Leia, 1957; SPINELLI, Vincenzo e CASASANTA Mario. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano*. Milano: U. Hoepli, 1957; AMENDOLA, João. *Dicionário italiano português*. São Paulo : Editora Fulgor, 1961; POLITO, André Guilherme. *Michaelis italiano: gramática prática*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 2001. Justificamos nossa escolha por serem os dicionários encontrados na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

### Análise de alguns dicionários bilíngües

Analisamos os dicionários a partir de sua introdução para compreender a qual público alvo são destinados; a seguir, analisamos a microestrutura de alguns verbetes para verificar as informações fornecidas. Por razões de espaço, apresentamos aqui apenas um resumo de nossas observações. Um estudo completo sobre os dicionários bilíngües será objeto de um próximo artigo.

O dicionário *Michaelis*, publicado para brasileiros que estudam a Língua Italiana, inclui várias informações gramaticais importantes para estudantes, como a silabação e a transcrição fonética de cada entrada, a classe gramatical, a indicação do plural (com o artigo), a indicação do feminino (caso exista) e algumas expressões. Algumas vezes, não encontramos o critério de frequência para justificar a ordem dos equivalentes, como, por exemplo, nas unidades *blatta* e *scarafaggio*, correspondentes ao português *barata*. Microestrutura:

**mu.ro** [m'uro] *sm* (*pl m i muri*) muro; parede; abrigo, defesa. *Fig.* Obstáculo, impedimento. (*pl fle mura*) muralha, muralhas, muro externo de cidade.

Outro dicionário dedicado aos estudantes da Língua Italiana é o *Dicionário da Editora Porto*, de 2001. Assim como o *Michaelis*, não traz a definição das unidades lexicais, apenas seus equivalentes, mas indica a classe gramatical, a transcrição fonética, o plural, algumas expressões traduzidas e alguns exemplos; não traz a separação de sílabas. Em alguns verbetes, insere uma abreviação da área temática. Microestrutura:

**Edifício** [edi'fício]. S.f. edifício; construção; casa.

*Spinelli-Casasanta*, de 1983, enfatiza a necessidade de um dicionário bilíngüe para a Língua Portuguesa, tanto para italianos quanto para portugueses/brasileiros, devido à existência dos cursos de Letras das Universidades desses dois países, mas deixa claro que o dicionário é direcionado também para as pessoas cultas e as pessoas interessadas em ambas as línguas.

Contém a classe gramatical, mas indica apenas a irregularidade do feminino. Diferentemente do *Michaelis*, não contém silabação e nem transcrição fonética. Apresenta-se como um dicionário de língua corrente; as palavras fora de uso vêm assinaladas com uma pequena cruz e grande parte dos verbetes vem acompanhada da respectiva etimologia, informação que, segundo o prefácio da obra, é a primeira vez que é colocada em um dicionário bilíngüe. O escopo etimológico chega ao escrupulo de, quando a origem é latina, indicar a palavra no nominativo e a desinência no genitivo singular. No volume português-italiano são abundantes as descrições da fauna e flora; a definição, nesses casos, consiste na indicação de um hiperônimo (pássaro/*uccello*, mamífero/*mammifero*, réptil/*rettile*), acompanhado de uma indicação de origem - *del Brasile* -, mais o binômio latino equivalente. Microestrutura:

**avvocata** (*l.* *advocata*) *f.* advogada || padroeira,  
patrona, protetora || *Maria*, - *nostra*.  
**avvocatessa** *f.* advogada || mulher do advogado.

O dicionário *Parlagreco*, de 1960, descreve em sua introdução a importância de um dicionário bilíngüe para atingir “uma maior compreensão e interação entre emigrantes e hóspedes em um país diverso com a finalidade de criar uma harmonia e comunicação”

Algumas unidades lexicais contêm a definição em italiano, mas, no geral, esse dicionário traz apenas a tradução da unidade lexical. Assim como o *Spinelli-Casasanta*, procura incluir coloquialismo e neologismos, além de palavras técnicas e científicas. No verbe te constam a classe gramatical e alguns exemplos traduzidos. Microestrutura:

**abbarbagliare**, *v.tr.* deslumbrar. ||  
**abbarbagliamento**, *s.m.* deslumbramento. ||  
**abbarbaglio**, *s.m.* deslumbramento prolongado.

O *Dicionário Italiano-Português* de João Amendola, de 1990, destaca a importância de um dicionário para estudantes e literatos, mas enfatiza a criação do dicionário para pessoas que precisam de consultas por necessidades práticas.

Contém apenas a classe gramatical de cada unidade lexical e a tradução de cada acepção, indicando, por vezes, o plural irregular e a forma irregular do feminino. Não marca a transcrição fonética, mas acentua a sílaba mais forte. Apresenta diferentes entradas para palavras no aumentativo, diminutivo ou em gênero diferente, indica as áreas temáticas e traz algumas expressões, porém sem dar exemplos. Microestrutura:

**Palàzzo**, s.m. palácio, casa grande e magnífica para famílias nobres ou ricas / casa de reis ou de príncipes / edifício majestoso.

**Palazzòtto**, s.m. (aum) palácio de linhas rústicas e severas.

O *Dicionário Italiano-Português* Masucci foi elaborado com a intenção de ser um dicionário de fácil manuseio para um leitor especializado. No entanto, é um dos dicionários com menos entradas (apesar de não indicar o seu número exato) e sua estrutura assemelha-se mais a um glossário: encontramos a classe gramatical e o equivalente em língua portuguesa. Não traz exemplos ou expressões nem a transcrição fonética ou silabação. Há entradas para os particípios irregulares.

Encontramos, também, para consulta na biblioteca de Letras, um antigo dicionário datado de 1853, o *Diccionario Italiano e Portuguez* de Antonio Prefumo, destinado ao público em geral. Nele encontramos a entrada sem separação de sílabas, seguida da classe gramatical e da tradução; indica o plural, o diminutivo e o aumentativo. Microestrutura:

LABBRO, s.m. no pl. I LABBRI, LE LABBRA;  
e poet. LABBIA. Lábio, beijo. \* Lábio, borda do copo, do calis, etc. \* *Labra dal fiore*, lábios de flor, as partes relevadas da flor. \* - di venere, cardo penteador, beijo de Vênus (herva). \* ONE, augm.

## Levantamento das unidades lexicais

O grupo dedicou-se, durante o primeiro semestre de 2004, a selecionar todas as unidades lexicais e gramaticais dos livros didáticos do *corpus*, chegando ao seguinte resultado: 636 unidades gramaticais, 2.663 verbos, 3.603 substantivos e 820 adjetivos.

## Modelo de ficha lexicográfica

Nº	Língua de partida	unidade lexical	silabação
informações gramaticais		informações gramaticais suplementares	informação fonética
contexto <sub>1</sub>		fonte <sub>1</sub>	
definição <sub>1</sub>			
equivalente na língua de chegada			
contexto <sub>2</sub>		fonte <sub>2</sub>	
definição <sub>2</sub>			
equivalente na língua de chegada			
contexto <sub>n</sub>		fonte <sub>n</sub>	
definição <sub>n</sub>			
equivalente na língua de chegada			
data	revisor 1		revisor 2

Lembrando as reflexões feitas na fundamentação teórica, as definições serão elaboradas a partir dos contextos para a unidade lexical encontrados nos manuais didáticos. Exemplificamos citando os contextos encontrados para *palazzo* em dois manuais:

LD 1 pg 50 (*Linea Diretta 1*)

*Mi può dire dov'è il <Palazzo> delle Esposizioni?*

LD 1 pg 52

*È una bella piazza con un <palazzo> e due fontane.*

Lei deve andare a <Palazzo> Spada?

<Palazzo> Spada è lì... (pg 53)

LD 1 pg 153

*... è in vendita in uno dei palazzi più significativi della cittadina...*

LD 2 pg 38 (*Linea Diretta 2*)

*A Piazza Farnese si ammira la facciata dell'omonimo <Palazzo> e la chiesetta di S. Brigida.*

LD 2 pg 78

*abitare in questo <palazzo> (Lei credo abitare congiuntivo in questo <palazzo>?)*

LD 2 pg 84

*... adesso facciamo un grande <palazzo> con un solo ingresso, una sola scala, e tanti appartamenti.*

*E per forza, perché a Napoli ci sono le corde tese da <palazzo> a <palazzo> per stendere i panni...*

*E già, perché se ci pensate bene un momento per stendere una corda tra il terzo piano di un <palazzo> ed il terzo piano di un altro <palazzo> è necessario...*

LD 2 - pg 112

*Ma la giunta di <Palazzo> Vecchio ha deciso di correre il rischio delle proteste pur di evitare il tracollo ambientale.*

LD 2 pg 134

*A L'Aquila andammo ad abitare nella casa della famiglia di Augusto, un grande appartamento al primo piano di un <palazzo> nobiliare del centro.*

LD 2 pg 141

*Il signor Monti domanda al portiere i particolari di un furto che qualche tempo fa si è svolto nel <palazzo> in cui abita.*

*I ladri sono entrati nel <palazzo> attraverso la porta del garage lasciata aperta da qualche inquilino.*

*I ladri sono passati dal terrazzo condominiale del <palazzo> accanto.*

LD 2 pg 145

*Lei è l'inquilino di un <palazzo> nel quale si è svolto un furto al pianterreno.*

*Lei abita da qualche settimana in un <palazzo> nel quale, come ha saputo da poco, qualche tempo fa si è svolto un furto.*

LDe 2 pg 20 (Linea Diretta 2 - libro di esercizi)

*A chi ama l'arte Montepulciano offre edifici storici come il Museo Civico o il <Palazzo> Avignonesi...*

*... per non parlare poi della bellissima Piazza Grande con il Duomo e il <Palazzo> Comunale.*

*... si visita il <Palazzo> Piccolomini dove c'è la stanza del papa.*

LDe 2 pg 40

*... nella quale negli anni 60 hanno costruito un municipio orribile: un enorme <palazzo> che distrugge tutta l'armonia del posto.*

LDe 2 - pg 61

*Nel <palazzo> dove abito c'è un grande cortile.*

## Conclusão

Percebemos, pelos contextos, que indicar no dicionário a correspondência entre a unidade lexical na língua 1 *palazzo* e um equivalente em língua portuguesa, como por exemplo, *palácio*, não satisfaz a compreensão da unidade lexical. Observamos também que *palazzo* corresponde, em muitos contextos, ao português *prédio* e que as duas unidades possuem características extralingüísticas específicas. Consideramos que a equivalência perfeita de uma unidade lexical em língua italiana e outra em língua portuguesa deve obedecer aos seguintes critérios: correspondência entre os fatos extralingüísticos; correspondência entre os traços distintivos funcionais. Portanto, a divisão dos sememas, atestados pelos contextos e descritos na definição, oferece ao aluno a possibilidade de recompor em seu idioma o equivalente, considerando, no entanto, as diferenças culturais e as diferentes visões de mundo.

Com base nas reflexões teóricas acima descritas, o grupo de pesquisa dedica-se à elaboração de um modelo de dicionário didático, composto de aproximadamente 2.000 verbetes, selecionados dos conteúdos lingüísticos do livro *Linea Diretta I*. As fichas lexicográficas incluirão contextos encontrados nesse manual, definições em língua italiana e indicação de um equivalente em língua portuguesa para cada definição.

*ABSTRACT: Si presentano alcune riflessioni di docenti e studenti di lingua italiana riguardanti la possibilità di elaborazione di un dizionario didattico sulla base di contesti estratti da un corpus formato da libri didattici.*

*PAROLE CHIAVE: lessicografia; lessicologia; didattica delle lingue straniere; lingua italiana.*

## Bibliografia

### Bibliografia teórica

- ALVES, Ieda Maria. A constituição da normalização terminológica no Brasil. *Cadernos de Terminologia*. Nº 01. São Paulo: Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, FFLCH/USP, 1996.
- BACCIN, Paola Giustina. *Italianismos na terminologia gastronômica na cidade de São Paulo: um modelo de glossário*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, 1989.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Proposta de uma metodologia de análise estrutural e funcional de glossários técnicos-científicos. *Acta semiotica et linguistica*, v. 3. São Paulo: Global, 1979.

- BARBOSA, Maria Aparecida. Reflexões sobre o projeto lexicográfico: análise e descrição da forma de conteúdo da unidade lexical. *XVIII Anais do GEL*. São Paulo: Gel, 1989.
- CABRÉ, M.T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999.
- CABRÉ, M.T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empuries, 1993.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, E. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm*. Revista do centro interdepartamental de tradução e terminologia, v. 7. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2001.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografía. de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- PAIS, C.T. *Ensaio semiótico-lingüístico*. Petrópolis: Vozes, 1977

#### Manuais didáticos

- BALBONI, Paolo. *Retel: curso multimediale d'italiano per stranieri*. Perugia: Guerra Edizioni, 2000.
- CONFORTI, Corrado; CUSIMANO, L. *Linea Diretta 1: curso di italiano per principianti*. Perugia: Guerra Edizioni, 1997
- CONFORTI, Corrado; CUSIMANO, L. *Linea Diretta 2: curso di italiano per principianti*. Perugia: Guerra Edizioni, 1997
- MAZZETTI, Alberto et al. *Qui Italia: curso di lingua italiana per stranieri*. 3. ed. Firenze: Le Monnier, 1997.
- POLITO, André Guilherme. *Michaelis italiano: gramática prática*. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 2001.

#### Dicionários:

- AMENDOLA, João. *Dicionário italiano português*. São Paulo: Editora Fulgor, 1961.
- MASUCCI, Oberdan. *Dicionário italiano português*. São Paulo: Leia, 1957.
- PARLAGRECO, Carlo. *Dizionario portoghese-italiano; italiano-portoghese*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- POLITO, André Guilherme. *Michaelis: minidicionário italiano-português, português-italiano*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.
- PREFUMO, Antonio. *Diccionario italiano e portuguez*. Lisboa: Typ. Antonio José da Rocha, 1853.
- SPINELLI, Vincenzo e CASASANTA Mario. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliiano) e portoghese (brasiliiano)-italiano*. Milano: U. Hoepli, 1957